



## Morte do cinegrafista Santiago Andrade: uma análise da cobertura do acontecimento pelo *Jornal Nacional*<sup>1</sup>

Eduarda Antônia Pereira RODRIGUES<sup>2</sup>

Eliziane Consolação LARA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

### RESUMO

As manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013 reverberaram como um acontecimento de enormes proporções. Tal episódio serve como pano de fundo para outro: a morte do cinegrafista Santiago Andrade durante um protesto em fevereiro deste ano. Este artigo busca analisar a cobertura da morte do cinegrafista Santiago Andrade pelo *Jornal Nacional* sob a perspectiva do conceito de acontecimento. Desse modo, nos propomos a investigar como a morte de Santiago é encampada pelo jornal como uma ruptura da normalidade capaz de acionar passado e futuro. Buscamos apreender a cadeia de sentidos acionada pelo noticiário e a mobilização de quadros de sentido que ele empreende, notadamente na apresentação dos jovens apontados como autores da morte do cinegrafista.

**PALAVRAS-CHAVE:** acontecimento; acontecimento jornalístico; manifestações; Santiago Andrade.

Mais de nove meses após a eclosão das manifestações de junho de 2013 pelo Brasil, o ferimento do cinegrafista Santiago Andrade, causado por um rojão, e sua consequente morte, foram amplamente explorados pela mídia. A morte de Santiago, que trabalhava para a TV Bandeirantes, encontrou grande repercussão em inúmeros veículos. Nesse trabalho, nos propomos a analisar a cobertura que o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, realizou do episódio.

A ocorrência teve início em uma manifestação contra o aumento das passagens de ônibus no Rio de Janeiro, no dia 7 de fevereiro de 2014. Santiago Andrade atuava na cobertura quando foi atingido na cabeça por um objeto flamejante. O cinegrafista ficou quatro dias em coma e morreu no dia 10 de fevereiro de 2014, aos 49 anos de idade. Santiago foi o primeiro profissional de imprensa que se tornou vítima fatal desde que as manifestações eclodiram no último ano.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da FAFICH-UFMG, email: [eduardap.rodriques@gmail.com](mailto:eduardap.rodriques@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social UFMG, email: [elizianejornalismo@gmail.com](mailto:elizianejornalismo@gmail.com)



Dentre tantas coberturas e veículos, escolhemos analisar um que atribuiu grande espaço ao caso Santiago. O *Jornal Nacional (JN)* surpreendeu pela quantidade de matérias dedicadas ao assunto, pelo trabalho de apuração empenhado na investigação dos responsáveis e pela preocupação com a segurança da classe de jornalistas.

Nossa análise compreende o período de uma semana, pois esse foi o tempo em que o noticiário procurou exaustivamente por explicações e a cobertura do acontecimento manteve um fôlego significativo. Desse modo, a semana analisada se inicia com a explosão do rojão e termina três dias após a morte do cinegrafista, o que compreende o período de 6 de fevereiro a 13 de fevereiro de 2014. Consideramos as matérias e editoriais produzidos e veiculados no *JN* que tratavam do acidente e da morte. Ao todo são 34 conteúdos<sup>4</sup>, uma cobertura que durou 1 hora, 35 minutos e 4 segundos nos sete dias.

É importante ressaltar que, ao estudar a televisão, nós estamos em acordo com uma perspectiva que se distancia dos estudos que marcaram décadas anteriores, nos quais a TV era tida como “instrumento de alienação a serviço da dominação da classe, lugar de homogeneização, esterilização do sentido e manipulação ideológica” (FRANÇA, 2012a, p. 38). Ainda conforme a autora, “a mídia de maneira geral, e a televisão de forma particular, encontram-se marcadas por uma *inserção reflexiva na vida social*” (FRANÇA, 2012a, p.39, grifos da autora). Dessa forma, a tv tanto “reflete valores, problemas e tendências de uma sociedade em determinado momento, como exerce sobre ela um papel constituidor” (FRANÇA, 2012a, p. 39).

## 1. Acontecimento

Antes de avançar na análise da cobertura, é necessário entender o que chamamos como acontecimento e em que medida é necessária a diferenciação deste para o acontecimento jornalístico. Louis Quéré define que “o acontecimento é o que vem de fora, o que surge, o que acontece, o que se produz, o excepcional que se desconecta da duração” (QUÉRÉ, 2012, p. 21). Vera França compartilha da mesma linha de Quéré ao estudar os acontecimentos. Para a pesquisadora, eles

(...) são fatos que ocorrem a alguém; que provocam a ruptura e desorganização, que introduzem uma diferença. Eles fazem pensar, suscitam sentidos, e fazem

---

<sup>4</sup> As matérias foram acessadas no site do Jornal Nacional e estão disponíveis no link <http://g1.globo.com/jornal-nacional/>



agir (têm uma dimensão pragmática). E tais ocorrências curto-circuitam o tempo linear; ocorrendo no nosso presente, eles convocam um passado e reposicionam o futuro. (FRANÇA, 2012b. p. 14)

A autora considera que o destaque de um acontecimento não vem de suas características intrínsecas, mas do seu poder de afetar uma pessoa, uma coletividade. A identidade de um acontecimento

“(…) vem (é dada) das práticas que o configuram e dos discursos que o nomeiam. Ele é individualizado quando se determina aquilo que o especifica, quando ganha uma significação – e aí, sim, uma identidade - como acontecimento particular” (FRANÇA, 2009, p.2637).

Além da ruptura que provoca no cotidiano, Quéré também destaca o poder hermenêutico do acontecimento, que diz da sua capacidade reveladora, de dar sentido a campos problemáticos. Há uma quebra (ruptura) na realidade que caracteriza o acontecimento e ele nos convoca a rever interpretações do mundo e sua normalidade aparente.

O sujeito não é a medida do acontecimento. Do contrário, não haveria acontecimento possível, dotado de um poder de revelação e de um potencial de inteligibilidade: haveria apenas fatos revestidos a posteriori de um sentido que antes não possuíam. Não é assim que os acontecimentos se inscrevem na ordem dos sentidos: são os acontecimentos que projetam um sentido sobre as situações e reconfiguram as possibilidades, para sujeitos dotados de uma certa sensibilidade e hábitos. O acontecimento proporciona uma transação e, a partir daí, dá lugar a uma experiência. (QUÉRÉ, 2005, p.70)

### **1.1. Acontecimento jornalístico**

Neste trabalho estamos lidando de maneira mais específica com o acontecimento jornalístico. Segundo Christa Berger e Felipe Tavares, o acontecimento é “enquadrado, jornalisticamente, por meio de uma série de fragmentos, pequenas ‘cenas jornalísticas’” (BERGER e TAVARES, 2012, p.130). Para tentar tornar mais clara a noção de acontecimento jornalístico, podemos pensar ainda nas considerações de Alsina (2009) sobre a mídia enquanto um sistema auto-organizador, que utiliza acontecimentos sociais para gerar notícias que por sua vez serão também acontecimentos sociais. Há uma impossibilidade de separar rigorosamente o acontecimento vivenciado no cotidiano do acontecimento jornalístico. “Não só impossível como equivocado, pois é do



acontecimento vivido que se abastece o acontecimento jornalístico e esse intervém na percepção daquele” (BERGER e TAVARES, 2012, p.122).

Charaudeau (2006) trata do processo evenemencial para entender construção do acontecimento. Tal processo pode ser explicado em três etapas: é necessário algo que modifique a realidade, depois um sujeito dotado de sensibilidade para perceber a mudança e por fim que esse mesmo sujeito confira significação à mudança. Nessa perspectiva, o acontecimento ganha sentido quando inscrito num regime discursivo. O acontecimento jornalístico diz justamente desse âmbito:

A mídia faz emergir um acontecimento a partir de um “processo evenemencial”, no qual a desordem semeada pelo acontecimento, sua imprevisibilidade, é posta em um quadro contextual, em um mundo significado. À percepção de algo que perturba uma ordem opõe-se, pelo relato jornalístico, um enredamento de causas, propósitos, motivos, agentes. O acontecimento funciona, pois, como uma ocorrência inicial que demanda a construção de uma interpretação, sua transformação em fatos, em acontecimentos jornalísticos. (ANTUNES, 2008, p. 4)

Quando falamos do acontecimento jornalístico estamos constantemente embasados pela noção do acontecimento, mas é importante pensar na distinção que faz Antunes (2008). Para ele, a relação intrínseca entre acontecimento e acontecimento jornalístico não os torna fenômenos equivalentes. “Torna-se acontecimento jornalístico o fato a partir de um olhar que busca estabelecer o contexto da sua emergência, explicar-lhe o sentido”. (ANTUNES, 2008, p. 4)

## **2. A cobertura do *Jornal Nacional***

Quando pensamos que o acontecimento aciona uma cadeia de sentidos (Berger e Tavares, 2012) podemos procurar apreender as conexões e sentidos acionados pelo *Jornal Nacional* ao tratar do acontecimento “rojão atinge o jornalista Santiago Andrade”. A primeira matéria do *Jornal Nacional* que trata do acidente foi ao ar no dia 6 de fevereiro e teve 1 minuto e 30 segundos de duração. Nela, o repórter Ari Peixoto sobrevoa o centro do Rio de Janeiro, palco de manifestações contra o aumento das passagens de ônibus, e faz um relato do que havia se passado há poucas horas durante o protesto na Central do Brasil. A informação sobre o ferimento de Santiago só aparece no final da narração feita pelo jornalista: “Um cinegrafista da TV Bandeirantes ficou ferido depois da explosão de uma bomba caseira e está sendo operado neste momento e



o estado dele é grave. Até o momento não se sabe de onde partiu o explosivo”<sup>5</sup>. O protesto começou apenas no final da tarde, o que pode explicar a pequena e ainda incompleta cobertura feita no dia 6, uma vez que o JN vai ao ar logo às 20h30.

No dia seguinte, 7 de fevereiro, a atenção dedicada à ocorrência que envolve Santiago é bem maior. São sete matérias produzidas para dar conta do acidente do cinegrafista, totalizando 21 minutos daquela edição voltados para o assunto. Já na primeira matéria o âncora William Bonner afirma, partindo do testemunho de um fotógrafo, que o artefato que atingiu o cinegrafista partiu de um *Black Bloc*:

Um fotógrafo profissional que estava trabalhando na cobertura do tumulto ontem a noite no centro do Rio de Janeiro afirma que o cinegrafista da TV Bandeirantes Santiago Andrade foi ferido por um foguete disparado por um Black Bloc. O fotógrafo, o cinegrafista e dezenas de profissionais da imprensa estavam acompanhando a manifestação contra o aumento das passagens de ônibus.<sup>6</sup>

Cabe aqui uma explicação sobre o que os principais veículos de comunicação do Brasil apontam como *Black Bloc*: a tática de manifestação é vista como um grupo de pessoas que participam dos movimentos de rua com intenção de protagonizar gestos de vandalismo, sempre usando roupas pretas e escondendo o rosto. O colunista da Revista *Veja*, Ricardo Setti, em um texto<sup>7</sup> publicado no dia 23 de agosto de 2013 denomina o *Black Bloc* como “o bloco do quebra-quebra”. Setti considera que eles podem ser resumidos em “um bando de inspiração anarquista, defensor da ‘destruição consciente da propriedade privada’ e autodeclarado inimigo do capitalismo”.

Daí em diante o *JN* se esforça para provar que Santiago foi vítima da ação de um *Black Bloc*. Alguns aspectos são norteadores para as pautas que serão trabalhadas nessa edição. O primeiro ponto explorado é, sem dúvida, deixar claro que não houve envolvimento da polícia no acidente. Uma das reportagens do dia 7 é integralmente voltada para comprovar que a polícia não poderia ser responsável pelo lançamento do artefato causador do ferimento. Na matéria, com duração de 3 minutos e 31 segundos, policiais fazem demonstrações com as armas usadas durante a manifestação para provar

<sup>5</sup> Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/manifestantes-fazem-protesto-contr-aumento-das-passagens-de-onibus-no-rio/3130864/>>. Acesso em 08/04/2014.

<sup>6</sup> Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/cinegrafista-fica-ferido-durante-protesto-no-rio/3133298/>>. Acesso em 08/04/2014.

<sup>7</sup> O texto se chama O BANDO DOS CARAS TAPADAS – Quem são os manifestantes baderneiros do Black Bloc, que saem às ruas para quebrar tudo. Está disponível no link: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/o-bando-dos-caras-tapadas-quem-sao-os-manifestantes-baderneiros-do-black-bloc-que-saem-as-ruas-para-quebrar-tudo/>.



que a polícia não poderia ser responsabilizada pela morte de Santiago. Até o fabricante da munição utilizada pela polícia é entrevistado pela reportagem.

Logo depois, em uma matéria de 8 minutos e 32 segundos, a figura do perito é acionada para analisar as imagens que mostram o objeto flamejante no chão e sua consequente explosão. O perito garante que se trata de um fogo de artifício por causa das características apresentadas, pela coloração e pelo tipo de faíscas. Outro entrevistado na mesma reportagem é o fotógrafo autor das imagens analisadas pelo perito, que prefere manter seu rosto coberto. Uma terceira fonte é convocada nesta matéria, um especialista em explosivos, deixando claro mais uma vez que o objeto não faz parte do armamento da polícia. A âncora Patrícia Poeta, que divide a bancada do telejornal com Bonner, é quem finaliza dizendo

Olha, o comandante do batalhão responsável pelo centro do Rio, Luís Henrique Marinho, disse que estava a trinta metros do local onde o cinegrafista foi ferido, e que viu pessoas vestidas de preto lançarem morteiros. Segundo o comandante, foi um desses explosivos que atingiu o funcionário da TV Bandeirantes.<sup>8</sup>

O jornal está o tempo todo evocando acontecimentos passados para trazer explicações para este de agora. Podemos notar uma reafirmação da postura editorial existente nas manifestações passadas: a relação entre os movimentos de rua e os vândalos, em sua maioria mascarados e relacionados como *Black Blocs*. A linha do jornal, expressa na figura do apresentador William Bonner, aponta para os protestos como maneira legítima de reivindicação, mas apenas até certo ponto. Uma vez que haja violência por parte dos protestantes envolvidos, ela deve ser reprimida para que os cidadãos de bem, os trabalhadores como Santiago, não se tornem vítimas. “Desde as primeiras grandes manifestações de junho, que reuniram milhões de cidadãos pacificamente no Brasil todo, grupos minoritários acrescentaram a elas o ingrediente desastroso da violência”<sup>9</sup>.

Ainda buscando explicações para a tragédia ocorrida com Santiago, duas matérias produzidas pelo jornal no dia 12 de fevereiro buscam investigar a relação de políticos com o aliciamento de jovens para participação nas manifestações. Supõe-se que manifestantes responsáveis pelos tumultos nos protestos recebiam uma quantia em

---

<sup>8</sup> Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/fotografo-afirma-que-um-rapaz-disparou-rojao-que-atingiu-cinegrafista/3133392/>>. Acesso em 08/04/2014.

<sup>9</sup> Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/02/editorial-da-rede-globo-sobre-morte-de-cinegrafista.html>>. Acesso em 08/04/2014.



dinheiro e transporte, financiados por um deputado. A questão é levantada pelo advogado Jonas Tadeu, responsável pela defesa de Caio Silva, o acusado de acender o rojão.

Quéré trata dessa presença do acontecimento “entre” passado e futuro.

“O acontecimento, ao revelar um mundo novo, dá ao passado uma nova conotação, de ‘coisa’ não explicada, que necessita de um sentido e, ao mesmo tempo, inaugura, nesse mesmo jogo, a possibilidade da existência daquilo que ele chama de ‘futuros possíveis’” (QUÉRÉ *apud* BERGER e TAVARES, ano 2012, p.124).

Já pensamos como as matérias olham para o passado das manifestações. A cobertura mostra a violência por parte de certo grupo de pessoas dentro dos protestos e como ela termina de maneira trágica. E como ela olha para ao futuro? O acidente envolvendo Santiago culmina em sua morte no dia 10 de fevereiro, uma segunda feira, quatro dias após ele ser ferido. A Rede Globo, através do *Jornal Nacional*, apresenta um editorial como forma de mostrar o luto da “imprensa” e da “sociedade”. As palavras lidas pelo apresentador vão reunindo apontamentos de como o acontecimento do ferimento do jornalista se reconfigura em outro - a morte de Santiago e o impacto dessa ocorrência na sociedade.

No editorial, de 3 minutos e 27 segundos, Bonner diz que os jornalistas são os responsáveis por informar a população. “É essencial, numa democracia, um jornalismo profissional (...). Sem cidadãos informados não existe democracia”<sup>10</sup>. Dessa forma, manifestações que hostilizam jornalistas são atentados à manutenção de um país democrático. Bonner mantém uma posição do jornalista como olho da sociedade, aquele que denuncia os excessos e omissões e informa com imparcialidade.

“Como um jornalista pode colher e divulgar as informações quando se vê entre paus e pedras e rojões de um lado, e bombas de efeito moral e bala de borracha de outro?”<sup>11</sup>, prossegue o apresentador.

A Rede Globo se solidariza com a família de Santiago, lamenta a sua morte, e se junta a todos que exigem que os culpados sejam identificados,

---

<sup>10</sup> Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/02/editorial-da-rede-globo-sobre-morte-de-cinegrafista.html> >. Acesso em 08/04/2014.

<sup>11</sup> Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/02/editorial-da-rede-globo-sobre-morte-de-cinegrafista.html> >. Acesso em 08/04/2014.



exemplarmente punidos. E que a polícia investigue se, por trás da violência, existe algo mais do que a pura irracionalidade.<sup>12</sup>

Na parte final do editorial é mostrada a exigência, apresentada como algo que não parte apenas do JN e da Rede Globo, mas de todos que se indignaram com a morte, de um cumprimento das sanções cabíveis aos culpados. Daqui em diante, fica a ideia de que é necessária mais segurança profissional para que fatos como esse, a morte de um inocente, não se repitam.

Interessante observar que antes de Santiago, outros brasileiros morreram nas manifestações. No entanto, essas mortes não são evocadas com destaque na cobertura do *Jornal Nacional* analisada nesse trabalho. Elas não são acionadas para que se possa compreender o passado ou o futuro surgidos da morte de Santiago. Essa postura indica que os manifestantes, que estão na rua por escolha, parecem assumir o risco de se ferirem e até morrerem, ao contrário de Santiago que está ali para trabalhar e em cumprimento do seu dever de jornalista. De acordo com levantamento<sup>13</sup> feito pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e pelo site *Vice*, o número de mortos envolvidos dos protestos de junho 2013 até fevereiro deste ano é de dez pessoas, sendo nove civis e um policial militar. Mais nenhuma dessas mortes ganhou tanta visibilidade nos veículos de comunicação quanto a de Santiago.

O acontecimento é tratado como exemplo para que outras mortes de jornalistas não aconteçam em confrontos durante os protestos. Nesse sentido, um projeto de lei, elaborado por uma comissão criada pelo Secretário de Segurança do Rio, José Mariano Beltrame, foi levado ao Senado e prevê leis mais duras para crime de associação para a incitação ou prática de desordem. A lei conhecida como antiterrorismo cerceia certos direitos relativos ao ato de se manifestar.

As matérias do dia 10 ao dia 13 em diante mudam de caráter e assumem um tom de cobrança dando mais destaque aos acusados. Associações de jornalistas pelo Brasil, através de uma carta para a Presidenta Dilma, esperam que os responsáveis pelo arremesso do rojão sejam rapidamente levados a júri.

---

<sup>12</sup> Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/02/editorial-da-rede-globo-sobre-morte-de-cinegrafista.html> >. Acesso em 08/04/2014.

<sup>13</sup> O site *Vice* faz um levantamento completo das mortes chamado QUEM MORREU NAS MANIFESTAÇÕES. Está disponível em sua página [http://www.vice.com/pt\\_br/read/quem-morreu-nas-manifestacoes](http://www.vice.com/pt_br/read/quem-morreu-nas-manifestacoes). O levantamento da ABRAJI diz respeito à violência contra jornalistas e pode ser acessado através do link: <http://portal.comunique-se.com.br/index.php/comunicacao/73121-policia-e-responsavel-por-75-das-agressoes-a-jornalistas-revela-levantamento-da-abraji>.



Logo no dia 8 de fevereiro, Fábio Raposo concede uma entrevista após se entregar para a polícia confessando que entregou um artefato a um rapaz, deixando claro que o artefato não lhe pertencia. A matéria tem cinco minutos e três segundos de duração e a fala de Fábio é ininterrupta, sem cortes e sem perguntas. A falta de edição mostra certa confusão, nervosismo e medo por parte do entrevistado, evidente nas repetições e na dificuldade dele de manter um discurso coerente.

Além da entrevista de Fábio, uma matéria com as fotos do acidente é apresentada, seguida por um vídeo da explosão do artefato (as imagens mostram que ele não foi arremessado sobre Santiago, mas sim aceso e jogado no chão, a força da explosão que faz o rojão acertar o cinegrafista na cabeça). Existe ainda um terceiro grupo de imagens que mostram claramente um rapaz entregando um objeto ao outro. Fábio é reconhecido como o indivíduo sem camisa, tatuagem na perna e rosto coberto. O segundo é Caio Souza, responsável por acender o artefato, ele traça cinza e também mantém a cabeça coberta.

Uma equipe de reportagem é autorizada a acompanhar a prisão de Caio Souza, localizado se escondendo e usando nome falso na Bahia. Bonner abre a reportagem com um tom de voz mais alto do que o de costume.

Está preso o suspeito de ter acendido e lançado o rojão que matou o cinegrafista da TV Bandeirantes, Santiago Andrade. Caio Silva de Souza se entregou a policiais civis do Rio hoje de madrugada na Bahia. A reportagem é de Beth Luchesi, Piero Caputo e César Davi.<sup>14</sup>

No período de 08 a 12 de fevereiro, Caio foi identificado - com a ajuda de Fábio e das imagens -, indiciado, teve a prisão decretada e foi então preso.

Já apontamos aqui que a TV Globo se posicionou através do *JN* como o olho da sociedade e, ao assumir tal papel, faz cobranças pela penalização dos culpados. A repórter Beth Luchesi, além de acompanhar bem de perto a prisão de Caio Souza, é autorizada a entrevistá-lo depois de detido. A entrevista possui um forte tom inquisitório, é possível observar que a repórter é incisiva nas perguntas e num tom de exigência determina que Caio lhe conte como tudo foi articulado. O interrogatório lembra muito a entrevista de Fábio Raposo pela confusão de ambos. É interessante observar como a figura dos dois jovens é acionada para construir o sentido do acontecimento: eles encarnam os culpados, aqueles que devem pagar pelo que fizeram.

---

<sup>14</sup> Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/02/dupla-suspeita-de-matar-cinegrafista-santiago-andrade-esta-na-cadeia.html> >. Acesso em 08/04/2014.

## **2.1. O enquadramento no JN**

Quando refletimos sobre as escolhas feitas pela emissora para dar sentido ao acontecimento podemos evocar a noção de enquadramento de *Goffman*, discutida por França em seu texto sobre o crime e o acontecimento midiático. A autora usa enquadramento para falar que “decisiva é a escolha dos quadros de sentido na apresentação de um acontecimento: são eles que vão orientar sua descrição e realçar seus aspectos dominantes, as características das quais se reveste” (FRANÇA, 2009, p. 2640).

Os enquadramentos (o acionamento dos quadros de sentido) nos auxiliam a viver as ações do dia a dia, a interagir, mas também a lidar com fatos externos, a construir e encaixar novas ocorrências dentro de um certo padrão de inteligibilidade. A significação de um acontecimento se dá e se constrói situando-o dentro de um quadro de referências e de valores já estabelecidos, ligando-o a certas questões e sentidos, organizando-o conforme certos princípios. (FRANÇA, 2009, p. 2640).

Podemos enxergar os enquadramentos dados pelo *JN* quando se tratam dos acusados. Fábio tem 22 anos e era tatuador. Caio tem a mesma idade e era auxiliar de serviços gerais numa empresa que presta serviço para o Hospital Rocha Faria. A imagem do jovem bem vestido, de boné e tênis da moda, é substituída pela imagem de um rapaz humilde, que foi convencido pela namorada a se entregar. Apesar dos perfis distintos, nenhum dos dois se parece um criminoso. Mesmo assim, em uma mesma matéria do dia 08, a ficha criminal de Fábio é apresentada, com duas passagens anteriores pela polícia por perturbação da ordem. Cada escolha relacionada aos perfis apresentados revela os quadros de sentido acionados para se fazer a caracterização dos rapazes.

As três matérias do dia 13 de fevereiro parecem consolidar os acontecimentos construídos até aquele momento. A circunstância que culminou na morte de Santiago se esgota na prisão dos acusados. Um perito é convidado a analisar as imagens que levam a prisão de Caio Silva e Fábio Raposo enquanto Santiago é velado e cremado no Rio de Janeiro. Sabemos que o assunto ainda se sustentou como pauta por mais alguns dias, mas o recorte que fizemos foi capaz de nos fornecer um bom panorama sobre a relação entre o acontecimento e o jornalismo.

## **3. Considerações Finais**



A análise da cobertura do *Jornal Nacional* nos leva a pensar a morte de Santiago Andrade como um acontecimento em duas etapas. A primeira ruptura é o acidente trágico de Santiago. Logo a imprensa trata de revesti-lo de sentido, de buscar explicações e assim retornar a suposta linearidade de antes. Quando cinegrafista então morre pelas complicações do ferimento apenas alguns dias depois, renova-se o fato e se reforça a necessidade agora de, além de procurar explicações, punir os culpados. O ferimento não se transforma apenas em morte, mas em homicídio. A morte de Santiago, na perspectiva do jornal, se configura como um acontecimento, uma ruptura com o esperado. Já as mortes dos manifestantes não têm esse poder, não vistas como uma quebra tão significativa. Nesse sentido, é interessante observar também que o *JN* apresenta a morte de Santiago como algo que comove todo o país: o editorial do dia 10 de fevereiro é aberto pelas seguintes frases: “Não é só a imprensa que está de luto com a morte do nosso colega da TV Bandeirantes Santiago Andrade. É a sociedade”<sup>15</sup>. Assim, o jornal procura se desvencilhar da imagem de que estaria movido por um sentimento de classe. A afirmação é de que toda a sociedade brasileira está impactada pelo acontecimento e não apenas os jornalistas ou, de modo mais específico, o *Jornal Nacional*.

O acontecimento clama por uma cadeia de sentidos, convocando inúmeros aspectos do passado e certas crenças para o futuro. O futuro apontado pela cobertura do *Jornal Nacional* passa pela necessidade de revisão de temas como: a segurança pública, o que significa o direito à manifestação, o futuro dos acusados. Porém, um aspecto que merece ser ressaltado é que não se aborda a questão que motivou a manifestação de 6 de fevereiro: o aumento da passagem de ônibus no Rio de Janeiro. O *JN* não esclarece se de fato a passagem subiu ou se houve algum outro desdobramento<sup>16</sup>.

O tamanho do esforço feito para tentar explicar o acontecimento “morte de Santiago Andrade” pode dizer da lacuna que as manifestações deixaram no jornalismo porque ele não consegue afirmar categoricamente as motivações dos movimentos de rua e onde podem levar. Sem dúvida, a cobertura do *Jornal Nacional* é um objeto riquíssimo na sua singularidade e na sua inserção na mídia e na vida social. Nosso artigo

---

<sup>15</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/02/editorial-da-rede-globo-sobre-morte-de-cinegrafista.html>>. Acesso em: 08/04/2014.

<sup>16</sup> No dia 10 de fevereiro é veiculada uma notícia sobre uma nova manifestação contra o aumento das passagens no Rio, mas a matéria se concentra em reportar os atos de violência que ocorreram durante o protesto. Não há informação sobre negociações em torno do valor da tarifa. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/02/manifestantes-fazem-protesto-contr-aumento-das-passagens-no-rio.html>>.



pretendeu levantar discussões sobre o jornalismo e os protestos, sabendo das muitas possibilidades de estudo no campo e tratando as manifestações como fenômeno recente e que, portanto, exige mais investigações.

## REFERÊNCIAS

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ANTUNES, E. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. **Contemporânea** (Salvador), v. 6, p. 1-21, 2008.

BENETTI, M. O jornalismo como acontecimento. Tipologias do acontecimento. In: \_\_\_\_\_ **Jornalismo e Acontecimento Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular. 2010. p. 143-164.

BERGER, C.; TAVARES, F. M. B.. Tipologias do Acontecimento Jornalístico. In: Benetti, Marcia; Fonseca, Virgínia Pradelina da Silveira. (Org.). **Jornalismo e Acontecimento Mapeamentos críticos**. 1ed. Florianópolis: Editora Insular Ltda., 2010, p. 121-142.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FRANÇA, V. A TV e a dança dos valores: roteiro analítico para tratar da relação entre televisão e sociedade. **Mídia, instituições e valores**. Minas Gerais: Autêntica. 2012a. p. 37-51.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012b.

FRANCA, V. O crime e o acontecimento midiático. In: VI SOPCOM - Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2009, Lisboa. **Anais** do VI SOPCOM, VIII LUSOCOM. Lisboa: SOPCOM - Universidade Lusófona de Lisboa, 2009. v. 1. p. 1-18.